

R E V I S T A  
**com**política

ISSN 2236-4781

**ALDÉ, Alessandra**

Presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (Compolítica), Editora-Chefe da Revista Compolítica. Professora da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).  
<a.alde@uol.com.br>

Revista Compolítica

*Editorial v. 4, n. 1, ed. jan-jul, ano 2014*

## Apresentação: Sobre perda e legado

*[Presentation: On loss and legacy]*

ALDÉ, Alessandra

Esta edição da Revista Compolítica sai triste. Optamos por refletir na escolha das cores o luto da pesquisa em Comunicação Política no Brasil e da nossa Associação em particular. No mesmo semestre, em pouco mais de quatro meses, perdemos o jovem jornalista e doutorando Pedro Sangirardi Duarte, revisor da Revista, e o professor Marcus Figueiredo, um dos fundadores e principais referências do campo. Neste ano eleitoral de 2014, em meio às reviravoltas do noticiário político e às pesquisas de intenção de voto, sob o zumbido constante das redes sociais, seriam duas vozes importantes a refletir e contribuir para o debate, envolvidos que estavam em pesquisas sobre o papel dos meios de comunicação na cultura e política contemporâneas.

Ao longo de 72 anos de vida e 50 de carreira, Marcus Figueiredo conseguiu compatibilizar uma produção intelectual significativa com uma fecunda atividade de orientação, além de ter participado de várias campanhas eleitorais como consultor e analista. Em **entrevista à Revista Compolítica**, já havíamos recuperado parte desta trajetória. O presente editorial também traz trechos da **biografia redigida para a Revista Brasileira de Ciência Política, da UnB**.

Um dos principais marcos desta trajetória foi *A decisão do voto*, eleita melhor tese de Ciência Política pela Anpocs em 1989 e publicada dois anos depois em parceria com a Sumaré. O trabalho, recentemente relançado pelo EdUFMG, continua sendo uma referência para os estudos sobre comportamento eleitoral, e é emblemático do estilo do autor, com sua capacidade de sintetizar questões teóricas até o esqueleto mais essencial, para depois aplicar-lhes o teste do raciocínio lógico rigoroso.

Publicada apenas em 1991, a tese é resultado de um trabalho iniciado anos antes, em 1976, quando Marcus e Argelina Figueiredo partiram para o doutorado nos Estados Unidos, como vários outros jovens pesquisadores empenhados na compreensão e análise dos fenômenos ligados ao sistema político e ao processo de redemocratização então em curso no Brasil.

Marcus começara a se interessar por política através da militância no movimento estudantil e, depois de iniciar cursos universitários de física e de economia que não concluiu, formou-se em ciências sociais na UFF, em 1971. Atuou como assistente de pesquisa do recém-criado Iuperj desde antes da graduação, trabalhando com amigos como Bolívar Lamounier, Wanderley Guilherme dos Santos e Cesar Guimarães – este último viria a orientar sua dissertação de mestrado sobre coação no Brasil Pós-64, concluída em 1975.

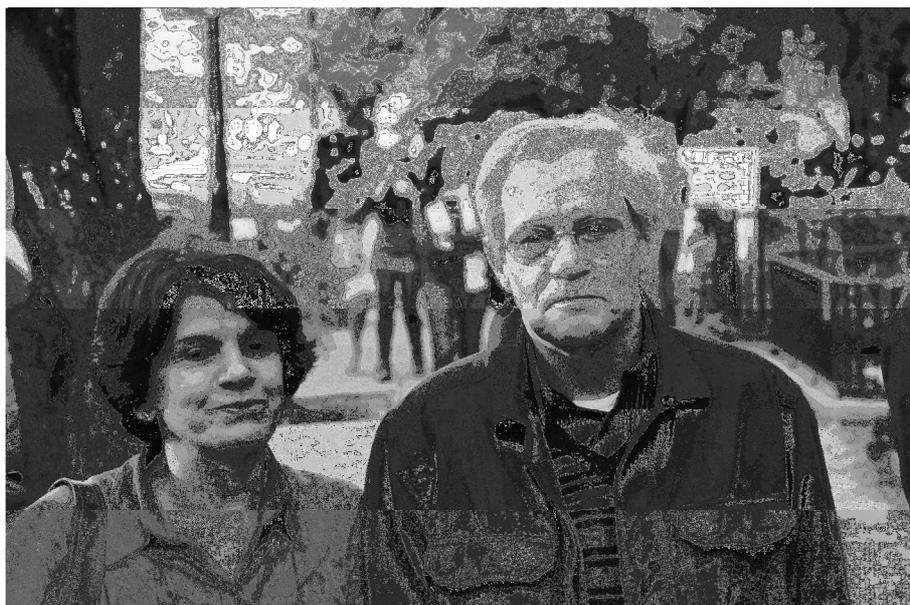


Figura 1: Marcus e Argelina

3

Com a redemocratização, os estudos em Ciência Política voltaram-se crescentemente para questões como eleições e partidos, que se tornavam centrais com a perspectiva de consolidação dos direitos políticos. Marcus e Argelina Cheibub haviam se casado em 1972, e quatro anos depois decidiram partir para os EUA com a filha Camila, de 6 meses, rumo ao Departamento de Ciência Política da Universidade de Chicago, talvez o principal centro de estudos em ciência política naquele momento. Com a orientação de Philippe Schmitter e Adam Przeworski, Marcus desenvolveu nos EUA, com bolsa do CNPq, a pesquisa sobre a decisão do voto. Depois de três anos e meio, em 1979, contudo, ele e Argelina voltariam ao Brasil com “tudo pronto, menos a tese”. Ele levaria seu projeto, praticamente concluído, para a USP, doutorando-se, finalmente, em 1989, sob supervisão de Maria Teresa Sadeck.

De volta ao Rio de Janeiro, continuou trabalhando como assistente de pesquisa no Iuperi e publicando em conjunto com Amaury de Souza e Nelson do Valle Silva, principalmente sobre comportamento eleitoral e metodologia de pesquisa. Em 1983, uma oportunidade dupla se apresentaria. Argelina passou em concurso para a Unicamp,

e Marcus foi convidado por Bolivar Lamounier para integrar o Idesp, onde permaneceu até 1989, contribuindo para desenvolver a pesquisa aplicada do Instituto, tanto sobre comportamento eleitoral e opinião pública, quanto na área de avaliação de políticas públicas.

Em São Paulo, Marcus também atuou na USP, entre 1990 e 1992, como professor visitante e bolsista recém-doutor. Na Unicamp, contribuiu para a organização dos bancos de dados do Cesop (Centro de Estudos de Opinião Pública) e sua disponibilização ao público acadêmico, trabalhando principalmente com Rachel Meneguello. Seu empenho também foi fundamental para estabelecer uma parceria inédita entre Unicamp e institutos de pesquisa como Ibope e Vox Populi, que passaram a compartilhar dados obtidos em pesquisas de mercado, enriquecendo o acervo. Foi membro e presidente do Conselho Superior do Cesop.

Convidado a voltar para o Iuperj como professor, a partir de 1992, notabilizou-se também como orientador, tendo supervisionado alguns trabalhos significativos na interface entre comportamento eleitoral e comunicação política. Como mostram os **dados e gráficos do Diretório da Compolítica**, Marcus não foi apenas um orientador produtivo, com grande número de orientandos. O que chama a atenção são principalmente os desdobramentos e capilaridade da atividade de orientação. Ao supervisionar mais de 30 trabalhos no Iuperj – 19 de doutorado e 13 de mestrado – a maioria sobre comunicação política e comportamento eleitoral, Marcus tornou-se um ponto de convergência, estabelecendo vínculos com outras instituições e pesquisadores. Muitos de seus orientandos, por sua vez, já se estabeleceram como orientadores em outras instituições. Considerando a especialidade da Comunicação Política no Brasil, embora haja pesquisa desde os anos 70 e ela seja numericamente mais significativa na área de Comunicação, nenhum conjunto de trabalhos se assemelha mais a uma “escola” do que a produção de Marcus Figueiredo e seus orientandos.

É claro que essa capacidade de atração também se deu pela sua inserção no Iuperj, um ambiente intelectual excepcional, que concedia grande liberdade aos pesquisadores, dedicados apenas à pós-graduação e brindados com alunos selecionados entre os mais brilhantes e interessados do país, todos com financiamento. Marcus sempre elogiou o ambiente acadêmico plural do Iuperj onde, segundo ele, era possível conviver dialeticamente com pensamentos, abordagens e metodologias de todos os tipos.

Neste ambiente estimulante, deveu-se à sensibilidade particular do Marcus, no entanto, atender e coordenar a demanda de alguns alunos que, em meados dos anos 90, convergiam no desejo de estudar a comunicação a partir da perspectiva da Ciência Política. Marcus teve a capacidade de agregar a este impulso seu vasto conhecimento

sobre comportamento político-eleitoral e estratégias de campanha, dando origem ao Doxa, Laboratório de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública, que logo se tornou uma referência na pesquisa sobre propaganda eleitoral, monitoramento de cobertura jornalística das eleições e nos estudos sobre efeitos e dinâmicas da comunicação política. Trabalhando como grupo de forma sistemática a partir de 1996, inicialmente formado por Heloísa Dias, Vladimir Lombardo Jorge e por mim, sob orientação do Marcus, o Doxa teve papel pioneiro na pesquisa em comunicação política, contribuindo principalmente para o reconhecimento da especialidade na área de Ciência Política e para seu amadurecimento metodológico.

5



Figura 2: Marcus Figueiredo, entre Alessandra Aldé e Luciana Veiga

O primeiro estudo realizado pelo grupo está entre os que Marcus considerava os mais relevantes de sua produção. Efetivamente, o texto **“Estratégias de persuasão em eleições majoritárias: uma proposta metodológica para o estudo das campanhas eleitorais”** tornou-se um referência importante para os estudos da propaganda eleitoral, tendo circulado primeiro internamente, na Serie Estudos do Iuperj (vol. 100), e depois publicado como artigo na Revista Opinião Pública (CESOP, 1998) e republicado na coletânea Marketing Político e Opinião Pública (2000), organizada por Rubens Figueiredo. A partir desta constatação – a importância crescente da comunicação de massa como variável política e eleitoral – Marcus empenhou-se na consolidação e institucionalização da especialidade. Foi fundador, em 1998, com Vera Chaia, Fernando Azevedo e outros, do GT Mídia, Opinião Pública e Eleições da ANPOCS. Com diferentes nomes e composições, o GT firmou-se como um espaço de discussão vital para

os pesquisadores, que já contavam com espaço equivalente no GT Comunicação Política da Compós. Em 2008, durante o IV Encontro da ABCP, em Campinas, foi o momento de articular a criação da AT Comunicação Política e Opinião Pública, que continua se consolidando nesta área. Marcus também apoiou a criação da Compolítica, Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política, da qual foi sócio fundador – as duas presidentes mais recentes, Luciana Veiga e Alessandra Aldé, ambas suas orientandas.

Marcus sempre valorizou a difusão científica. A partir de 2000, quando começamos a acompanhar a cobertura eleitoral dos jornais impressos, o Doxa optou pela divulgação online dos resultados parciais da pesquisa, contribuindo assim para o debate público nas eleições. O acervo de material audiovisual de campanha, gradualmente ampliado e digitalizado, foi cedido para e copiado por vários pesquisadores, servindo de base para numerosas teses, dissertações e trabalhos acadêmicos em todos os níveis, no Brasil e no exterior. Foi coordenador geral do documentário *Arquitetos do Poder*, lançado em 2010, exibido em muitas instituições de ensino e na televisão, contribuindo para informar o debate eleitoral. Foi responsável pela criação da revista da ABCP, a *Brazilian Political Science Review*, e um de seus primeiros editores.

Durante esses anos no Iuperj, Marcus conviveu com colegas que admirava, alguns dos quais foram também seus grandes amigos. A dedicatória do livro *A Decisão do Voto* assume algumas destas dívidas intelectuais e afetivas: “Ao Wanderley, que me ensinou a pensar; ao Nelson, que me ensinou a contar; à Argelina, que me ensinou a viver; à Camila e Joana que são os motivos para continuar.” Também nos sugere algo sobre o lugar da família e dos afetos nesta construção. De minha parte, sempre admirei a relação com Argelina e outras tantas mulheres poderosas, relação de companheirismo e respeito mútuo. Mulheres que continuaram ocupando espaços afetivos e profissionais na vida do Marquinhos, desde a sucessão de apenas filhas e netas, filhas das filhas; até a disputa afetuosa entre as orientandas pelo posto de “mais querida”.

Marcus tinha facetas contraditórias: era piadista, um *bon vivant*; mas podia ser rabugento e intratável, e era sem dúvida muito teimoso. Os alunos inicialmente o temiam, mas assistir a suas aulas era sempre um desafio ao raciocínio e ao desenvolvimento do pensamento. A síntese e clareza eram uma exigência consciente: o professor dizia que qualquer ideia podia ser resumida em dez linhas, e ameaçava não ler se os alunos escrevessem mais do que as dez páginas demandadas como trabalho de final de curso.

Quando o conheci, cursando a disciplina de “Partidos políticos”, no mestrado, não foram poucas as vezes em que debatemos

acaloradamente. Escrevi sobre o Marcus, nos agradecimentos da minha própria tese, palavras que até hoje resumem bem o que sinto por ele: “Sua inteligência, abertura mental e respeito pelo pensamento do outro são um constante estímulo para o trabalho autônomo e criativo. Sua cultura, objetividade e rigor metodológico, por outro lado, perpassam todo o trabalho, exigindo as escolhas e explicações que lhe dão intenção científica. Mas agradeço ao Marcus, principalmente, a conquista – gradual, discreta e segura – de uma amizade que no início me parecia tão improvável”.

Essa amizade, uma vez conquistada, foi sólida e duradoura. Marcus era uma companhia divertida e carinhosa, amigo das crianças e festividades. Foi um privilégio ter convivido e aprendido com ele. Há muito tempo que os próximos – alunos, amigos, familiares – convivíamos e nos preocupávamos com a saúde frágil do Marcus. Com uma condição circulatória geneticamente instável, cada campanha eleitoral de que participou representava para ele um pico de alta voltagem, geralmente cobrado imediatamente na forma de “um avezezinho”. Com o tempo, diminuiu sua participação mais intensa como analista e passou a atuar de longe, apenas como observador, comentando para a mídia.

## 7

No IV Encontro da Compolítica, realizado em 2011 na Uerj, o programa trazia seu nome como o conferencista de abertura, mas ele sofreu mais um episódio médico alguns dias antes e não pôde falar. Assim, foi um privilégio tê-lo, em 2013, atuando como coordenador do GT de Mídia e Eleições do V Encontro da Compolítica, em Curitiba, conduzindo os trabalhos e debatendo com os participantes, produtivo e animado.

Para mim, a parte mais importante do legado intelectual do Marcus Figueiredo é o respeito democrático pelo eleitor, pelo homem comum; nas suas palavras, os “milhares de anônimos que mudam a história através do voto”. Entender suas razões e os motivos de suas decisões continua sendo uma missão inevitável de uma ciência política verdadeiramente democrática. Este desejo e objetivo de compreender as dinâmicas profundas da democracia também movia outro amigo, o jornalista Pedro Sangirardi que, aos 32 anos, havia feito uma decidida opção por retomar a vida acadêmica, da qual na verdade nunca se afastou.

Lembro-me de ter conhecido Pedro no II Encontro da Compolítica, em 2007. Ele já se mostrava um pensador inquieto, cheio de iniciativa, procurando os professores e grupos nos corredores e calçadas da UFMG para continuar as discussões acadêmicas. Cursava o mestrado na ECO/UFRJ, sob orientação de Milton José Pinto, e defenderia em 2008 a dissertação **Discurso político: a emergência do escândalo como narrativa midiática estrutural**. Encontrei-o mais uma ou outra vez ao longo dos anos, sempre em eventos relacionados ao

tema. Finalmente, ao abrirmos a seleção para a primeira turma do recém-aprovado doutorado em Comunicação da UERJ, seu projeto ficou entre os dez selecionados. Assim, de certa forma, Pedro passou a integrar aquela genealogia iniciada por Marcus Figueiredo e ramificada por seus sucessivos orientandos, na qual eu estava desta vez do outro lado, como orientadora. Para mim, a primeira experiência integral como orientadora de um trabalho deste nível, com outra expectativa de interação intelectual.

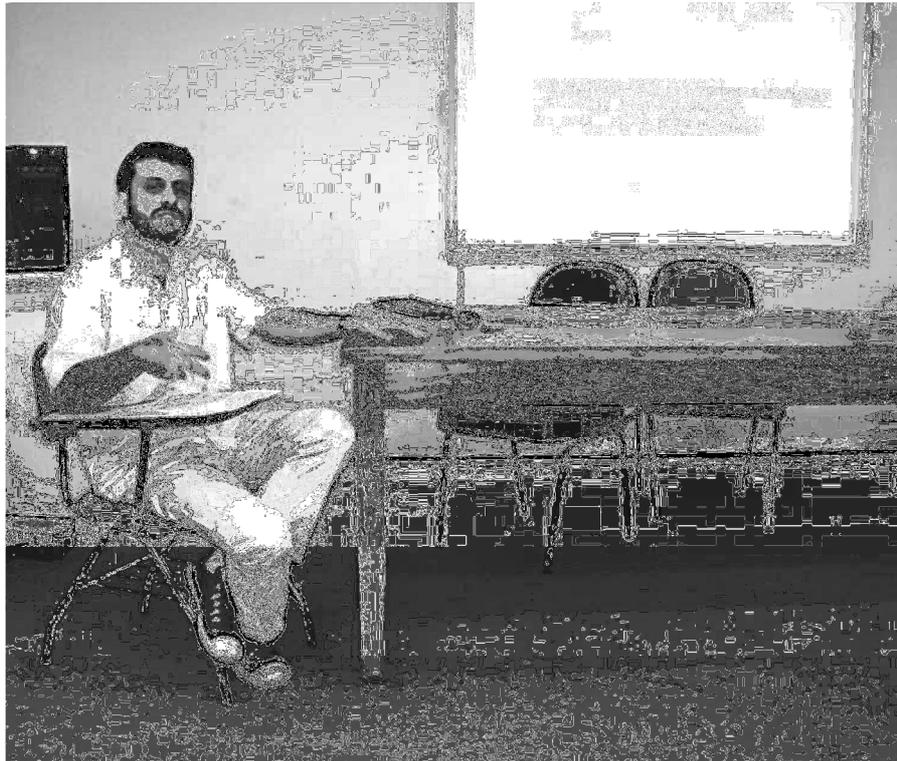


Figura 3: Pedro Sangirardi

A busca pela continuação dos estudos não era resultado da falta de opções profissionais, pelo contrário. Jornalista formado pela UFRJ em 2004, Pedro trabalhava há sete anos como analista de comunicação sênior na Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP) – organização social responsável pela infraestrutura da Internet acadêmica brasileira, que conecta mais de 800 instituições de ensino e pesquisa, uma das dez redes acadêmicas com maior capacidade do mundo. Tinha orgulho deste trabalho e das responsabilidades crescentes assumidas, bem como das relações de amizade e do ambiente profissional da RNP, onde atuou, entre outras funções, como coordenador editorial da Escola Superior de Redes, unidade especializada em capacitação e disseminação do conhecimento em tecnologias da informação e comunicação. Entre os trabalhos técnicos mais relevantes realizados no período, listava a revisão do

texto *Caminhos para a universalização da banda larga: experiências internacionais e desafios brasileiros*, de 2012.

Depois desses anos trabalhando na empresa, sentia-se reconhecido profissionalmente e desempenhava com responsabilidade seu trabalho. No entanto, sentiu falta da reflexão filosófica sobre o mundo social, principalmente diante da percepção de uma política crescentemente permeada pelos artefatos e modalidades da comunicação. A reflexão sobre política – um tema de inquietação permanente desde os tempos do Colégio São Vicente, quando fez parte da geração de estudantes secundaristas de foram às ruas se manifestar pelo impeachment de Fernando Collor de Mello – mais uma vez estaria no centro do projeto submetido à Uerj, ao qual se dedicou no último ano, com a seriedade e entusiasmo que o caracterizavam.

9 Envolveu-se de corpo e alma na vida acadêmica, apresentando seu trabalho nos congressos da área, participando ativamente dos cursos no PPGCom, engajado no grupo de pesquisa sobre Tecnologias da comunicação e política. Ao longo de 2013, dividiu comigo a disciplina de Comunicação e Política para os alunos de graduação em Relações Públicas e Jornalismo, com a mesma dedicação. Sentia-se à vontade na sala de aula, e foi um professor querido dos alunos, sempre estudando a fundo os textos e autores do curso, conduzindo os estudantes de forma leve, carismática, pelos meandros da teoria política. Aliás, Pedro adorava ler e discutir filosofia, e estava sempre disposto a uma boa prosa especulativa, principalmente se pudesse se reunir aos amigos em torno de algumas cervejas.



Figura 4: Pedro Sangirardi e Juliana Berriel

Pedro sempre fazia as perguntas que queria, e essa honestidade que poderia parecer cândida em alguns momentos na verdade refletia uma perspectiva ampla sobre o mundo, responsável. A partida do Pedro, no entanto, careceu de qualquer aviso e preparação.

Partiu de forma abrupta e trágica, amplificando a dor de familiares e entes queridos, especialmente a mulher Juliana Berriel, a mãe Malu Sangirardi e o pai, Paulo Duarte, a irmã Isabel, mais uma multidão de amigos inconformados, todos os que conviveram com o Pedro, que tinha uma enorme capacidade de fazer amigos.

A presença marcante de uma pessoa na nossa vida, e também sua própria grandeza humana, tornam a necessária finitude da vida física bastante difícil de aceitar. Quanto maior o amigo, mais difícil lidar com a sua ausência material. Desta forma, procuramos conciliar a ideia de perda com a de legado. Embora a vida humana seja finita, sua característica é o compartilhamento. Permanecemos na obra, nos afetos, na família. O fio finito de cada vida se une no tecido da história, marcando-a. Somos mais do que apenas a vida biológica, isolada, pois temos a capacidade de construir um legado. Aprender, cultivar, ensinar, mudar o mundo.

Esses dois amigos deixaram grande contribuição e enorme saldo afetivo. A Revista Compolítica, que de várias formas é devedora de ambos, decidiu homenageá-los neste número com a publicação de dois textos destes pesquisadores cujas inquietações intelectuais convergiam no sentido de compreender a cultura e o comportamento do cidadão comum, frente à política crescentemente mediada pela comunicação de massa.

O artigo de Marcus Figueiredo é uma republicação da Introdução de “A decisão do voto”. O material foi gentilmente cedido e autorizado por Argelina Cheibub e pela EdUFMG. Junto com a Introdução, publicamos também os dois prefácios de Wanderley Guilherme dos Santos. Trata-se, como o próprio prefácio indica, de um trabalho já clássico e acabado.

O artigo de Pedro Sangirardi, por outro lado, é claramente fruto de um trabalho ainda em construção, e bastante promissor. O artigo inédito traz reflexões que envolviam a política e os estudos de cognição, discutindo as tensões decorrentes da adequação da estrutura hierárquica e verticalizada da representação política ao ambiente das redes distribuídas de comunicação, com seus dispositivos e padrões cognitivos específicos. Compreender a influência da transição tecnológica comunicacional no fenômeno de personalização midiática da política era uma de suas preocupações.

Marcus e Pedro, cada um a seu tempo, traziam inquietações muito particulares e próprias do campo da Comunicação Política, como são as inquietações dos demais autores que integram esta edição.

Apresentando visões do campo sempre muito diversificadas, a Revista Compolítica traz ainda contribuições relevantes e textos instigantes para enriquecer o debate na área. O destaque internacional fica a cargo do artigo de Sebastian Valenzuela, traduzido para a revista por Letícia Perani, relacionando o uso de redes sociais ao comportamento de protesto, pensando seu papel para a informação, a expressão de opiniões e o ativismo. Analisando dados coletados durante manifestações no Chile, em 2011, o texto sugere que o uso de redes sociais para a expressão de opiniões e para ativismo pode mediar a relação entre o uso geral das redes sociais e o comportamento de protesto. Também publicamos a entrevista feita por Fernanda Sanglard com Wayne Wanta, professor da Universidade da Flórida em Gainesville que tem se dedicado a compreender os efeitos da mídia sobre a opinião pública norte-americana.

11

O artigo de Fabro Steibel sobre classificação indicativa tem a utilidade de mapear o estudo do importante tema das políticas de comunicação, a regulamentação de conteúdos para as diferentes faixas etárias, e seu desenvolvimento no Brasil.

Rafael Mesquita, por sua vez, analisa a construção de uma identidade brasileira contemporânea, e as tensões que surgem conforme uma nova identidade tenta se sobrepor à anterior, por muito tempo atrelada à noção de subdesenvolvimento. Oferece, como estudo de caso, o Acordo Nuclear assinado com o Irã em maio de 2010, contrastando o discurso oficial do Estado ao de dois periódicos estrangeiros e dois nacionais no período.

Wesley Matheus de Oliveira, Rayza Sarmiento e Ricardo Fabrino Mendonça apresentam texto sobre o potencial deliberativo de discussões online em ambientes não institucionais, a partir da análise de 550 comentários a três vídeos muito acessados, publicados no YouTube brasileiro, que tratam de direitos LGBT. O texto de Rennan Mafra também contribui para as discussões sobre a deliberação pública, ao analisar a noção de *advocacy* em processos ampliados de deliberação pública. Recorre à sistematização a partir de reflexões sobre às origens e à etimologia do termo *advocacy* para apontar que sentidos pode assumir e alguns riscos que pode incorrer. O artigo de Fábio Vasconcellos retoma os enquadramentos do Jornal Nacional na cobertura que relaciona o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o chamado escândalo do “Mensalão”, ocorrido durante 2005, cuja responsabilização até hoje se faz presente nas abordagens jornalísticas das eleições presidenciais.

Esta edição da Revista Compolítica sai carregada de saudades, dadas as perdas que enfrentamos neste primeiro semestre de 2014. Mas sai também com a certeza de que a contribuição desses autores e dos demais que ora publicamos ao campo se fará sentida nos seus diferentes contextos, inclusive nestas páginas mesmas que se seguem. É com a perspectiva do legado, portanto, que seguimos adiante.

12



**COMPOLÍTICA**  
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DE PESQUISADORES EM  
COMUNICAÇÃO E POLÍTICA

Presidente: Alessandra Aldé (UERJ)  
Vice-Presidente: Luis Felipe Miguel (UnB)  
Secretário Executivo: Francisco Jamil Marques (UFC)

Editora-Chefe:  
Alessandra Aldé (UERJ)

Editores Executivos:  
Edna Miola (UFS) e Viktor Chagas (UFF)

Editores Assistentes:  
Eleonora Magalhães (UFF) e Fernanda Sanglard (UERJ)

Revisora: Fernanda Sanglard (UERJ)

<<http://compolitica.org/revista>>

A Revista Compolítica é uma revista eletrônica da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política. Com periodicidade semestral, sua proposta é difundir a produção acadêmica relacionada às interfaces desses campos de estudo.

Ao citar este artigo, utilize a seguinte referência bibliográfica

ALDÉ, Alessandra. *Apresentação: Sobre perda e legado*. In: *Revista Compolítica*, n. 4, vol. 1, ed. janeiro-julho, ano 2014. Rio de Janeiro: Compolítica, 2014.

